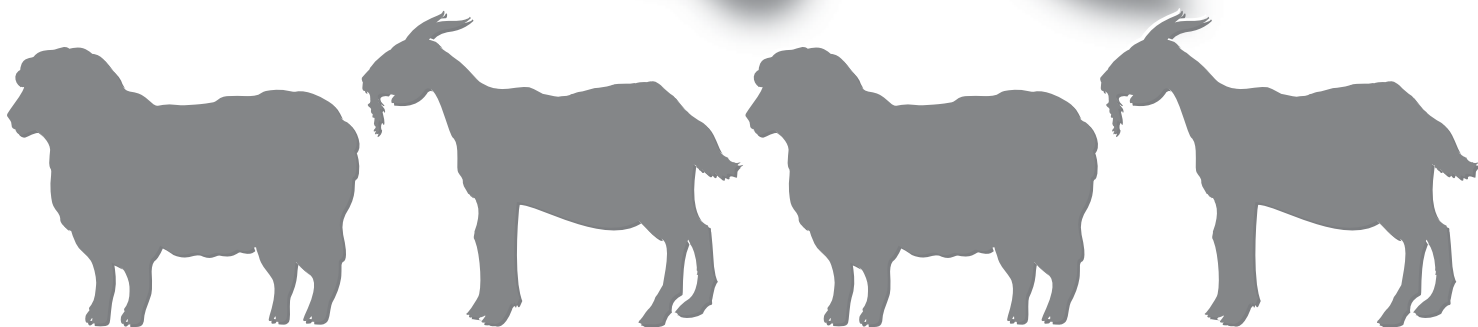




Guia sanitário para criadores de pequenos ruminantes



**Coordenação
Álvaro Mendonça**

Título: Guia sanitário para criadores de pequenos ruminantes
Editor: Álvaro Mendonça
Edição: Instituto Politécnico de Bragança · 2012
5300-253 Bragança · Portugal
Tel. (+351) 273 303 200 · Fax (+351) 273 325 405
<http://www.ipb.pt>
Design: Serviços de Imagem do Instituto Politécnico de Bragança
Tiragem: 2600 exemplares
Impressão: Escola Tipográfica – Bragança
Depósito legal: 350250/12
ISBN: 978-972-745-137-1
Versão digital: <http://hdl.handle.net/10198/7264>

Relatório do Projecto

OTSA (POCTEP) 0108-OTSA-2-E. Observatório Transfronteiriço de Sanidade Animal



PROGRAMA
COOPERACIÓN TRANSFRONTERIZA
ESPAÑA – PORTUGAL
COOPERAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA
2 0 0 7 – 2 0 1 3



União Europeia
FEDER

Investimos no seu futuro



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE BRAGANÇA
Escola Superior Agrária



Centro de
Investigação
de Montanha



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA,
DO MAR, DO AMBIENTE
E DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

DGAV

Direção Geral
de Alimentação
e Veterinária



Junta de
Castilla y León



inrb

Instituto Nacional
de Recursos Biológicos, I. P.



UNIVERSIDADE
DE TRÁS-OS-MONTES
E ALTO DOURO
utad

Colaboração Científica

Prof. Doutor Álvaro Pegado Mendonça – ESA/IPB
Prof. Doutora Ana Cláudia Coelho – UTAD
Dra. Ana Paula Figueiras – DSVRN/DGAV
Dr. Duarte Diz Lopes – ESA/IPB - Clínica Veterinária Santiago
Prof. Doutor Filipe Silva – UTAD
Dr. Hélder Quintas – ESA/IPB - ACRIGA, Associação de Criadores de Gado
Prof. Doutora Isabel Pires – UTAD
Prof. Doutor Luís Cardoso – UTAD
Dra. Madalena Monteiro – LNIV/INRB
Prof. Doutor Miguel Saraiva Lima – FMV/UTL Lisboa
Prof. Doutor Nuno Alegria – UTAD
Dr. Raimundo Maurício – ESA/IPB
Prof. Doutor Ramiro Valentim – ESA/IPB
Prof. Doutora Yolanda Vaz – FMV/UTL Lisboa

Peeira dos ovinos e caprinos

Hélder Quintas

*Sanidade Animal, Clínica de Grandes Animais. Departamento de Ciência Animal,
Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Bragança.
ACRIGA – Associação de Criadores de Gado.*

A dermatite interdigital, a peeira e a pododermatite contagiosa são as principais causas de claudicação em pequenos ruminantes. A designação popular uniformizou o nome em peeira (nome que por simplificação utilizamos neste trabalho) ou “manqueira”. São doenças infecciosas dos pequenos ruminantes que colocam em causa o bem estar animal e podem causar grandes perdas económicas, sobretudo em efetivos de ovinos, sendo causas frequentes de refugo precoce e de elevadas quebras na produção. Em maior ou em menor grau são problemas que afetam todas as explorações.

Etiologia

Estes problemas podais são causados por uma interação sinérgica entre dois microorganismos Gram negativos anaeróbios, *Bacteroides nodosus* e *Fusobacterium necrophorum*.

Fusobacterium necrophorum, habitante normal do aparelho digestivo dos ovinos e caprinos, em locais com acumulação de fezes, elevada temperatura e humidade pode interagir com outras bactérias (ex. *Archanobacterium pyogenes*, agente que provoca abscessos) e provocar infeções na região entre os dedos (lesão tipo “escaldão”). Esta lesão predispõe para a infeção por *Bacteroides nodosus* que se encontra no solo. A ação conjunta das duas bactérias vai produzir a característica “podridão” da unha.

Patogenia e Sintomatologia

O período de incubação é muito variável, geralmente de 2 semanas, e os sintomas dependem fundamentalmente do estado das pastagens, da virulência das bactérias envolvidas, da duração da doença, do número de patas afetadas e das complicações secundárias associadas. A doença pode provocar lesões limitadas aos tecidos moles do casco que por vezes podem ser autolimitantes e regredir quando as condições ambientais deixam de propiciar o crescimento dos microorganismos envolvidos. Mas, nos casos mais graves, pode provocar descolamento do tecido córneo da unha e a destruição dos tecidos podais. Nos efetivos atingidos a doença tende a evoluir para a cronicidade o que dificulta a sua erradicação.



Figura 1 – A peeira provoca uma dor intensa ao animal que adota a postura de joelhos. Em casos extremos o animal pode morrer por não se alimentar convenientemente.

O primeiro sintoma que aparece é uma ligeira dermatite acompanhada por uma leve claudicação (“manqueira”). O desenvolvimento da infeção provoca muita dor aos animais e leva-os a passarem mais tempo deitados ou em joelhos (Figura 1). Com o evoluir do processo a “manqueira” agrava-se, ocorre o descolamento da unha acompanhado de cheiro pútrido dos cascos. Esta situação condiciona a procura de alimento, levando a um decréscimo da sua condição corporal e diminuição da produção.

Tratamento e controlo

Como fundamentalmente estamos a abordar não uma mas várias doenças, o tratamento e controlo deve ser feito após diagnóstico pelo Médico Veterinário (MV) tendo em conta as especificidades de cada patologia.

Uma grande variedade de antibióticos pode ser utilizada (ex. oxitetraciclina, eritromicina, tilmicosina, tilosina, penicilina e dihidroestreptomicina, lincomicina e estreptocicina). No entanto, nem todos estão licenciados para a utilização em pequenos ruminantes, nem todos tem a mesma ação terapêutica e a mesma indicação e é necessário ter em atenção os intervalos de segurança para o leite e carne. Assim a escolha, a dose e duração do tratamento é da exclusiva responsabilidade do MV.

A vacinação pode, em conjunto com a adoção de cuidados de higiene e um bom maneio dos animais, ser uma ferramenta muito útil. No entanto, das três doenças referidas apenas existe vacina disponível para a peeira causada por *Bacteroides nodo-*

sus. Assim animais vacinados podem desenvolver dermatite interdigital ou pododermatite infecciosa que têm outros agentes associados.

As bactérias envolvidas são ubiqüitárias pelo que as doenças apenas podem ser controladas e nunca erradicadas.

Os problemas podais exigem, por isso, constante atenção por parte do produtor. É ele o elemento central num programa de prevenção, pelo que deve compreender bem todas as causas do problema e a melhor forma de as evitar.

Elevada humidade, temperaturas amenas, elevada densidade de animais, má conformação dos cascos e animais portadores crónicos da doença são fatores que podem predispor para a perpetuação do problema nos rebanhos.

Qualquer programa de prevenção deve incluir: um bom manejo, boa alimentação (ex. blocos minerais com zinco), boas instalações, manutenção, limpeza e desinfeção correta destas, controlo da entrada de novos animais e corte periódico dos cascos.

As unhas de todos os animais da exploração devem ser aparadas periodicamente (tendo especial atenção aos animais estabulados e às épocas de cobrição e parição) utilizando luvas de trabalho e material limpo afiado e oleado:

- a) Sentar a ovelha de modo a que as 4 patas fiquem viradas para nós;
- b) Retirar toda a sujidade da sola e entre os dedos com um gancho;
- c) Cortar a parede do casco do talão até à pinça. Fazer um corte diagonal para cortar o excesso de casco.
 - Não cortar demais os talões e evitar hemorragias;
 - Retirar tecido podre;
- d) Aplicar spray com antibiótico sempre que saia sangue ou exista infeção entre os dedos.
- e) O restos das unhas devem ser colocados num balde e depois queimados;
- f) Após o aparo do casco as ovelhas devem ser colocadas num local limpo e seco.

Todos os animais com claudicação devem ser avaliados clinicamente (MV), devem separar-se animais doentes e sãos (idealmente em pastos separados durante pelo menos 3 semanas em locais secos), evitar a sobrelotação e proceder ao refugo dos animais cronicamente afetados.

Outra medida importante consiste em aplicar pedilúvios sempre que no rebanho existam ovelhas:

- Coxas (em grande número);
- Com unhas muito compridas;
- Mau odor no casco;
- Inchaço do espaço entre os dedos.

Um bom pedilúvio deve ter as seguintes características:

- Situar-se no trajeto normal dos animais;
- Ser fácil de limpar. Pois deve realizar-se uma limpeza e substituição periódica dos seus constituintes;

Guia sanitário para criadores de pequenos ruminantes

- Dimensões adequadas ao efetivo. Recomenda-se a divisão do pedilúvio em três zonas, cada uma com 3 metros de comprimento, 60 cm de largura e 15 cm de altura do líquido. A primeira é a zona de limpeza, com água e uma solução de amónio quaternário. A segunda serve de local de enxaguamento e de remoção de sujidade, e pode ser constituída por gravilha. Por último, o banho de tratamento com uma solução de sulfato de zinco a 10% (1 kg por cada 10 litros de água) ou outra solução comercial. O formol por ser carcinogénico e o sulfato de cobre pela susceptibilidade dos ovinos à sua toxicidade devem ser evitados.
- Depois do pedilúvio deve existir um local seco e limpo onde o animal possa permanecer pelo menos durante 30 minutos

É importante utilizar sempre produtos licenciados e respeitar todas as instruções do fabricante quer na utilização quer na eliminação do produto. Respeitar as concentrações tendo em atenção que após a passagem dos animais é retirado muito produto e que se o pedilúvio está à chuva ocorre diluição. É melhor preparar diariamente o banho de tratamento do que preparar uma grande quantidade para vários dias. Os animais devem ter condições para manterem as patas imersas no produto durante o tempo necessário para a sua atuação (dependendo do produto de 2 – 15 minutos). A frequência de passagem pelo pedilúvio depende do risco de infeção e das condições ambientais. Nos períodos de maior risco (ex. tempo húmido) recomenda-se a passagem 3 vezes por semana, e após desaparecimento do risco 1 vez por semana durante 2 meses. Nas zonas endémicas deve realizar-se a passagem a cada 3 – 6 semanas.

Bibliografia

- Ferrer, L.M. & Ramos, J.J. (2008). Las cojeras en el gado ovino. Clínica y prevención. Servet . 1-178.
- Winter, A.C. (2004). Lameness in sheep. Crowood Press. 1-168.